

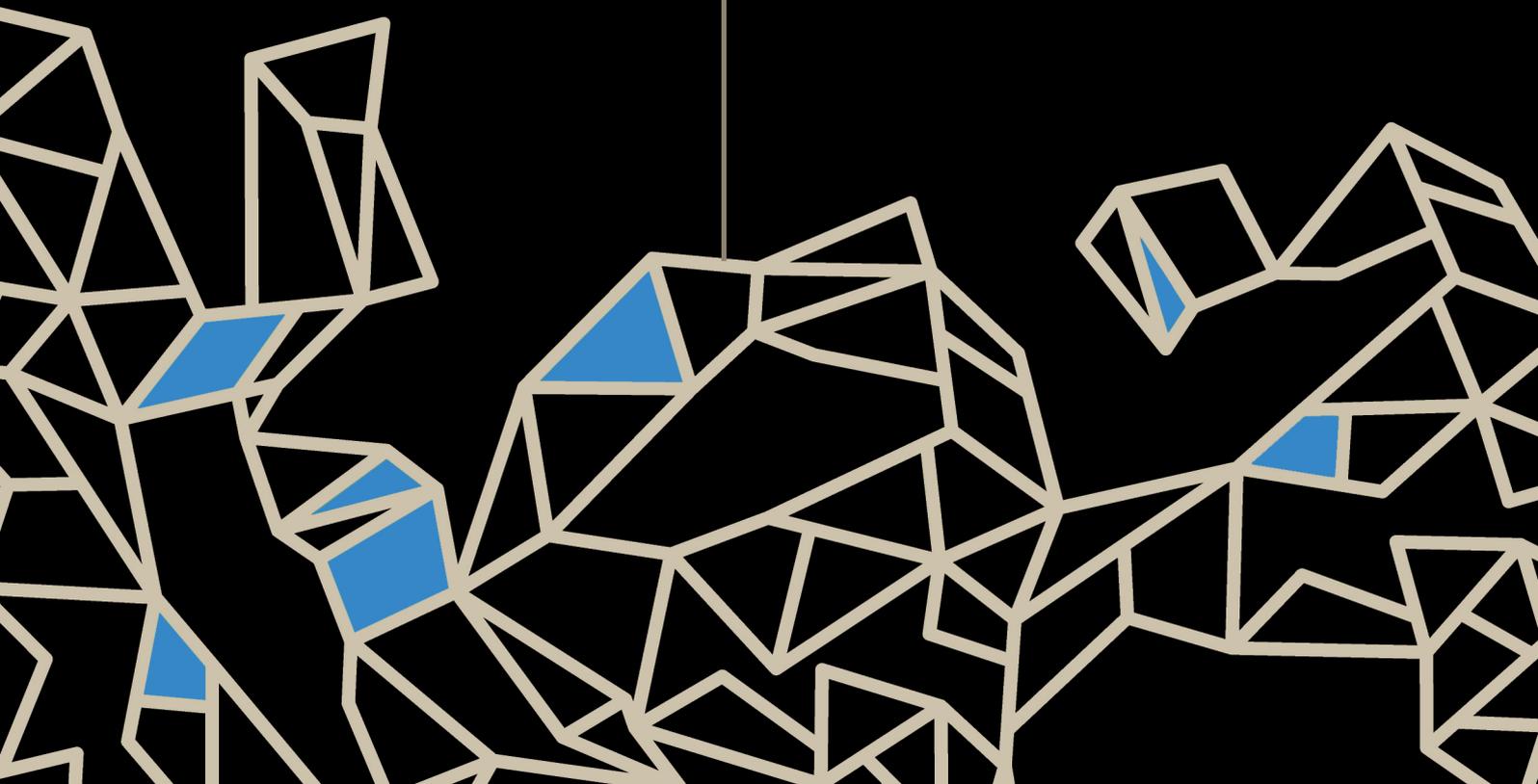


sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v15i2p7-9

Apresentação

Guilherme Bonfanti



Apresentação

Organizar um dossiê com o tema iluminação é um passo importante para permitir que a área possa ser produtora significativa de pensamento. Reunir escritos e reflexões produzidos por aqueles que desenham luz e por pesquisadores que a analisam é, nesse sentido, um movimento que envolve artistas e teóricos em um diálogo crítico sobre o teatro, contribuindo para deslocar a iluminação cênica de um lugar que, ainda hoje, pode ser considerado de servidão.

Ao analisar a história recente da cena moderna e contemporânea, podemos constatar que as rupturas e mudanças mais significativas na linguagem da luz aconteceram pelas mãos de encenadores, em parceria com técnicos que conseguiram viabilizar suas ideias arrojadas. Assim foi com Ziembinski, Gianni Ratto e Gerald Thomas, para citar apenas casos exemplares. Mesmo atualmente, diversos diretores desenham sua própria luz ou a de outros parceiros, como acontece com Iacov Hillel, Cibele Forjaz, Rodolfo Garcia e Marcelo Lazzaratto, os três últimos com textos neste dossiê.

Foi a partir da década de 1980 que os especialistas da luz, os chamados *light designers*, começaram a ganhar espaço no mercado e na criação. É quando a iluminação torna-se uma categoria em prêmios teatrais, o que funciona como reconhecimento não só do trabalho desses profissionais, mas também da contribuição da luz para a criação da cena. Nesse momento, a trajetória e o desenvolvimento do ofício ligam-se à própria formação dos profissionais, ocorrendo quase exclusivamente por meio da prática e do acompanhamento dos mais experientes. Na década, ainda não tínhamos os assistentes de iluminação, e o espaço de aprendizado era possível somente em relação à figura do técnico.

Contudo, esse quadro é alterado nos anos 1990, com o surgimento dos coletivos de teatro, quando se inicia um trabalho de cunho pedagógico, ainda informal, que une o aprendizado da tecnologia da luz à experiência de criação. Nesse período, em que me incluo, o trabalho continuado e a valorização do processo criativo passam a auxiliar na formação de profissionais da área.

Após o surgimento e o fortalecimento dos especialistas em desenho, que deixaram o papel de técnicos que davam corpo à criação dos diretores para passar a atuar no trabalho coletivo dos grupos teatrais, aparecem outras questões a serem enfrentadas pela iluminação. Novamente, vemos a tradição

em confronto com algo que viria mudar esteticamente a cena, mas ainda enfrentava muita resistência: a tecnologia digital. Os chamados equipamentos multiparâmetros (*moving lights, leds*) criaram uma cisão entre aqueles que acreditavam ser possível seu uso em cena e os que demonizavam esse tipo de dispositivo. Curiosamente, nos trabalhos dos diretores que desenham luz ainda é comum a ausência desses equipamentos.

A partir dessa constatação, pode-se concluir que há uma dificuldade muito grande de abertura do teatro à entrada das tecnologias mais recentes. Se é verdade que avançamos na linguagem da cena, é preciso admitir que na luz ainda engatinhamos, pois não temos o mesmo arrojo e a mesma disposição para romper barreiras, para transgredi-las.

Com base nessas considerações, levantamos, neste dossiê, diversas questões ligadas ao trabalho do *light designer*, relativas ao aprofundamento das ferramentas do ofício, ao exercício continuado da criação e ao livre trânsito entre diferentes linguagens, como shows, espetáculos de dança, ópera e o próprio teatro. Esse trânsito permite que nos questionemos sobre o que é específico da linguagem teatral e o que dialoga com ela, ou pode estar presente nela e também em outras criações artísticas. Acredito que não existe um campo fechado para a pesquisa em iluminação, como não existe esse ou aquele equipamento específico para essa ou aquela linguagem. Vivemos um hibridismo em todos os campos, e na luz não poderia ser diferente.

Com este dossiê, esperamos abrir discussões sobre o papel da iluminação na criação de um espetáculo, sobre a tradição e as novas tecnologias, sobre os diretores desenhistas, os especialistas da luz e as diversas linguagens em que a luz pode atuar, pensar livremente e ser um elemento preponderante na cena. Esperamos que os textos aqui reunidos, de artistas e pesquisadores, contribuam para a reflexão sobre os percursos da luz em cena e sobre a formação de *light designers* nas escolas e nos grupos de teatro. Creio que cabe a nós escrever essa história.

Recebido em 20/10/2015
Aprovado em 20/10/2015
Publicado em 21/12/2015